

**Para Além de Wertham:
As campanhas antiquadrinhos do pós-Segunda
Guerra Mundial**

**Beyond Wertham:
The anti-comics campaigns of the post-World War II era**

*Rodrigo Cardoso Polatto*¹

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em História. E-mail: rcpolatto@gmail.com.

RESUMO

Este artigo é parte dos resultados obtidos em minha dissertação de mestrado, “O Furor dos Quadrinhos nos EUA do Pós-Guerra, 1940-1954: *EC Comics* e crítica social”. Defendo no artigo que a importância atribuída à figura controversa do psiquiatra Fredric Wertham, conhecido por associar revistas em quadrinhos à delinquência juvenil, no processo que levou à implementação do código dos quadrinhos é superdimensionada. Argumento que as campanhas antiquadrinhos que levaram ao código foram o resultado de conjunturas históricas específicas e de três fatores principais: (I) o clima doméstico dos EUA gerado pela Guerra Fria que temia a infiltração de ameaças externas; (II) a eclosão de problemas sociais gerados durante a Segunda Guerra Mundial, mas que eclodiram nos primeiros anos da Guerra Fria; (III) as mudanças e desenvolvimentos da indústria de quadrinhos na década do pós-guerra. Concluo que a figura de Wertham e sua teoria foi instrumentalizada por um processo político maior que buscou legitimar as campanhas antiquadrinhos com um verniz de ciência quando em realidade ela foi levada a cabo por diversos grupos diferentes - políticos, religiosos e associações civis - que se opunham às revistas por razões diversas como moralidade, política e elementos estéticos pautados no debate de alta e baixa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Código dos quadrinhos; Campanhas antiquadrinhos; Fredric Wertham; Guerra Fria.

ABSTRACT

This article is part of the results obtained in my master's thesis "The Comics Furor in the Post-War USA, 1940-1954: EC Comics and social criticism". In the article, I argue that the importance attributed to the controversial figure of psychiatrist Fredric Wertham, known for associating comic books with juvenile delinquency, in the process that led to the implementation of the comic book code is overstated. I argue that the anti-comics campaigns that led to the code were the result of specific historical conjunctures and three main factors: (I) the US domestic climate generated by the Cold War that feared the infiltration of external threats; (II) the outbreak of social problems generated during the Second World War but which erupted in the early years of the Cold War; (III) the changes and developments of the comics industry in the post-war decade. I conclude that the figure of Wertham and his theory was instrumentalized by a larger political process that sought to legitimize anti-comics campaigns with a veneer of science when in reality it was carried out by several different groups - political, religious and civil associations - who opposed to magazines for various reasons such as morality, politics and aesthetic elements based on the debate of high and low culture.

KEYWORDS: Comics Code; Anti-Comics Campaigns; Fredric Wertham; Cold War.

Approved by the Comics Code Authority

Em 1954, após um longo e conturbado debate público que em última instância foi parar no senado estadunidense, a indústria de revistas em quadrinhos aprovou um selo autorregulatório que entrou para a história dos quadrinhos, do entretenimento e da censura. Esse selo chamado *Comics code* [Código dos quadrinhos] estabelecia uma série de parâmetros que uma revista em quadrinhos deveria atender se quisesse chegar às prateleiras, a publicação que estivesse em conformidade com o código poderia carregar na capa o selo de aprovação [FIGURA 1].



Figura 1: *Comic Code*. Fonte: <https://cblcdf.org/the-comics-code/>.

O argumento central para a implementação do código pela *Comic Magazine Assocation of America* [CMAA] foi coibir e regular a representação de conteúdo supostamente prejudicial e ofensivo, principalmente violência e sexo. A ideia era a de que a presença desses conteúdos nas publicações estaria prejudicando as crianças que as liam. Os críticos argumentavam que as revistas prejudicavam o desenvolvimento intelectual e ético das crianças, além de as tornarem violentas por emulação daquilo que liam nas histórias (WERTHAM,

1954; NORTH, 1940). Nessa linha o código dos quadrinhos estipula, por exemplo, que o crime não deveria ser representado de forma a criar simpatia pelo criminoso e que o “bem” deveria sempre triunfar sobre o “mal” nas histórias; proibia também representações ou sugestões de estupro e “perversão sexual”² (COMIC CODE, 1954).

Embora o código tenha sido aprovado com o subterfúgio de coibir a violência e conteúdo erótico ele muito extrapola essas questões. Ele avança para estabelecer como instituições como o casamento, o governo e a polícia deveriam ser representados estabelecendo por exemplo, que o casamento deveria ser representado sempre de forma positiva e o divórcio sempre como indesejável; a polícia e a igreja não deveriam ser ridicularizados ou atacados. De modo geral, o texto do código demonstra a moralidade dominante e hegemônica do momento em que foi produzido, reforçando a manutenção do *status quo* e tornando proibitivo qualquer ataque a ele.

O que a princípio pode parecer uma pauta de pessoas preocupadas ou desconfortáveis com crianças lendo sobre sexo e violência, defendendo ser em realidade um movimento político maior, com implicações que vão muito além do mercado de quadrinhos. Havia a preocupação de fato com violência e sexo nas revistas em quadrinhos do pós-guerra, mas por trás dela havia preocupações mais abrangentes e complexas concernentes ao que significava a coesão social e a segurança nacional nos anos 1950. O furor gerado pelos quadrinhos no pós-guerra e a implementação do código são expressões de um receio relacionado a ameaças externas e influenciado pelo contexto de esforço "contra subversivo" (SCHRECKER,2002) de um dos períodos mais acirrados da Guerra Fria.

² O comic code [Código dos Quadrinhos] de 1954 está disponível online em < <https://cblidf.org/the-comics-code-of-1954/> > Acesso em 27/02/2023. O código dos quadrinhos sofreu modificações ao longo do tempo até ser definitivamente abolido em 2011. As demais versões do código estão disponíveis em < <https://cblidf.org/the-comics-code/> >. Acesso em 27/02/2023.

O processo que levou a regulação dos quadrinhos por meio do código é com frequência atribuído a figura controversa do psiquiatra Fredric Wertham. Ele é conhecido principalmente por advogar que a leitura de quadrinhos era um fator causal da delinquência em jovens e crianças, principalmente devido a seu livro *“Seduction of the Innocent”* (1954) no qual sistematiza sua teoria. A ele com frequência é dado o crédito pela aprovação do código e pela consequente reorganização da indústria, como se ele fosse o principal responsável. Apesar de Wertham ter sido uma voz importante no debate principalmente ao “identificar” nos quadrinhos a causa do suposto aumento da delinquência juvenil nos anos 1950, o processo em questão é muito mais complexo e não pode ser reduzido à figura dele.

As campanhas antiquadrinhos do pós-guerra foram eminentemente políticas e começaram antes mesmo de Wertham começar a escrever sobre a relação de quadrinhos e comportamento “delinquente” em crianças no final dos anos 1940³. Argumento neste artigo que as campanhas antiquadrinhos só foram possíveis devido a uma conjunção de fatores: (I) os problemas gerados durante a Segunda Guerra Mundial, (II) o início da Guerra Fria, e os (III) desenvolvimentos na indústria de quadrinhos da década depois do final do conflito (1945-1954). Essa conjunção de fatores é por muitas vezes largamente ignorada em prol da explicação reducionista de que um psiquiatra seria capaz de destruir uma indústria gigantesca com a publicação de um livro. A responsabilidade de Wertham no processo, que defendia que a questão dos quadrinhos era de “saúde pública”, é bem menor do que a sua fama faz parecer. Neste artigo procuro desmistificar a participação de Wertham no furor dos quadrinhos no pós-guerra e defendo que em última instância as campanhas

³ A primeira vez que as ideias de Wertham vem a público é em uma matéria da *Collier's Magazine* chamada *“Horror in the Nursery”* de 1948 na qual Judith Crist entrevista Wertham sobre suas “descobertas”. Àquela altura já estava ocorrendo queimas públicas de quadrinhos que datavam de pelo menos 1945 (HAJDU, 2008).

anti-quadrinhos foram políticas: parte de um esforço em defesa da manutenção do *status quo* e parte do projeto de contra-revolução permanente levada de forma explícita pelos EUA na década de 1950 que se traduziu no que ficou conhecido como Doutrina da Contenção. Wertham não foi a causa desse processo, ele foi cooptado e instrumentalizado por ele, e dessa forma a campanha ganhou um rosto, embora ele tenha sido mero joguete de forças políticas maiores em disputa.

Quadrinhos e o contexto político da Guerra Fria.

Wertham não merece o crédito por ter criado a associação de quadrinhos com delinquência juvenil. Essa associação nasce em parte do preconceito com o entretenimento popular e embebida no debate de alta e baixa cultura de meados do século XX. Um dos primeiros registros da correlação está presente em um editorial de 1940 publicado por um crítico literário e escritor de livros infantis chamado Sterling North. No editorial ele defendia que revistas em quadrinhos serviam como um “estimulante” violento para as crianças e as tornavam insensíveis a melhores mais saudáveis leituras⁴ (NORTH, 1940). Apesar de o editorial ter sido republicado diversas vezes e ter fomentado bastante discussão sobre a questão, o debate não avançou significativamente e ficou circunscrito a pequenos círculos.

Isso ocorreu principalmente devido à entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial em 1941. O envolvimento do país no conflito mudou o foco da preocupação pública de questões internas para externas. A política internacional passou a pautar o debate público e a questão dos quadrinhos foi

⁴ O artigo “*A National Disgrace*” foi publicado originalmente em 8 de maio de 1940 no jornal Chicago Daily News. Disponível em < <https://crisisofinnocence.library.torontomu.ca/items/show/201> >. Acesso em 14 de fevereiro de 2023

temporariamente colocada em espera. A preocupação de certos setores sociais quanto às revistas ainda existia, porém, não havia clima político para o surgimento de um movimento amplo como o que eclodiria no pós-guerra. O envolvimento dos então extremamente populares super-heróis no esforço de guerra contribuiu para criar uma melhor imagem dos quadrinhos e aplacar críticas.

No final de 1941, as famílias americanas estavam absorvidas por perigos mais claros e mais presentes do que os quadrinhos. Assim como a Primeira Guerra Mundial apagou as primeiras críticas às tiras de jornal, a Segunda abafou o debate sobre os quadrinhos antes que pegasse fogo. Na verdade, a ideia de super-heróis começou a parecer agudamente patriótica - um símbolo simples, democrático e doméstico do poder e certeza de propósito⁵ (HAJDU, 2008, p.47, tradução minha).

O envolvimento da indústria dos quadrinhos no esforço de guerra e sua instrumentalização como impulsionadores de moral de tropas nos fronts desestimulou qualquer investida de maior fôlego contra os quadrinhos. Apesar da associação das revistas com o público infantil, nessa época - e no pós-guerra - eles foram amplamente lidos por adultos. Durante a Guerra os quadrinhos foram enviados aos montes para as tropas no exterior, onde sua popularidade entre os soldados superou revistas como *Life* e *Reader 's Digest* em dez para um (SABIN, 2010, p.187). Domesticamente as revistas, alinhadas ao governo e cooperando com o Departamento de Guerra (ACTION COMICS,1942) exportavam crianças a sair pelo bairro coletando recicláveis ou a comprarem selos de economia de guerra ou *War Saving Stamps*⁶ para “pagar parte de

⁵ No original: *By the end of 1941, American families were absorbed with dangers clearer and more present than comic books. Much as the first world war had snuffed early criticism of newspaper strips, the Second damped the debate over comic books before it caught fire. In fact, the idea of superheroes began to seem acutely patriotic - a simple, democratic, home-grow symbol of American might and surety of purpose* (HAJDU, 2008, P.47).

⁶ Os selos de guerra ou “*war save stamps*”, eram selos emitidos pelo Departamento do

uma arma, avião ou navio que seus pais, irmãos ou tios estão usando para a defesa de nosso país”⁷ (MORGENTHAU, JR. apud HAJDU, 2008, p.361, tradução minha).

Os quadrinhos tiveram, portanto extrema popularidade durante a Guerra e não é muito difícil de compreender como seu alinhamento com o *status quo*, principalmente no apoio à guerra, fossem capazes de mudar de foco as atenções e desencorajar críticas. Mas com o final da Segunda Guerra principalmente a partir de 1946 o clima político e sociocultural dos EUA havia mudado. Esse clima era a expressão da nova configuração geopolítica do mundo no pós-guerra caracterizada pela polarização ideológica entre o capitalismo estadunidense e o socialismo soviético, conhecida como Guerra Fria. O conflito teve como consequência uma mudança de foco da sociedade civil e política para questões internas e não é fácil superestimar a extensão do medo de ameaças externas nos EUA daquele momento. Era o medo de que a sociedade pudesse estar sujeita a infiltração comunista ou a outras ameaças externas - e internas - que colocassem em perigo o *American Way of Life*.

Esse medo em seu ápice levou nos anos 1950 ao Macarthismo (1950-1954) que foi a alçada da perseguição a comunistas ou “subversivos” à política de Estado. A perseguição político-ideológica se tornou comum e foi levada a níveis quase irracionais e absurdos contra aqueles que eram considerados de uma forma ou de outra “subversivos”, quase sempre sob o rótulo de comunista⁸ (HALLIDAY, 1984; SCHRECKER, 2002). Para a historiadora Ellen Schrecker, o esforço de “contra-subversão” do Macarthismo foi responsável pelo período de maior repressão da história dos EUA (SCHRECKER, 2002). Eu defendo não ser

Tesouro dos EUA com o objetivo de ajudar a financiar a guerra.

⁷ No original: (...) to pay for part of a gun, plane or ship which your fathers, brothers or uncles are using for the defense of our country.

⁸ Em 1938 foi criada a *House Un-American Activities* (HUAC) que conduziu investigações durante os anos 1940 e 1950 sobre alegadas atividades comunistas. Ela investigou cidadãos, empregadores e organizações sob a suspeita de subversão.

coincidência que as campanhas contra os quadrinhos tenham ressurgido nesse contexto com força suficiente para levar a uma série de audiências no senado para investigar a delinquência juvenil em 1954. A forma como a questão foi tratada e explorada midiaticamente é bastante semelhante aos casos altamente publicizados do período da campanha anticomunista. O solo era fértil para o tipo de campanha que estava sendo feita contra os quadrinhos se expandisse e ganhasse apoio da opinião pública.

A evidência disto é que foi logo nos primeiros anos da Guerra Fria que as críticas aos quadrinhos ressurgem e tomam a proporção de uma campanha nacional ao mesmo tempo que o anticomunismo vai se exacerbando cada vez mais⁹. Esse contexto promoveu o clima político favorável à tais campanhas por permitir a condenação de revistas com temáticas indesejáveis ao *status quo* ou ao plano de segurança nacional idealizado nos primeiros anos da Guerra Fria¹⁰, ainda que sob a desculpa de coibir a violência e conteúdo “obsceno”. Começou a vicejar a noção de que as revistas em quadrinhos fossem uma dessas “ameaças externas” que colocavam em perigo a saúde da sociedade e que teriam o objetivo de influenciar negativamente as crianças para possivelmente desestabilizar o sistema.

O que ajudou a gestar esse estado de nervos de medo “comunista” que permitiu as campanhas antiquadrinhos ressurgirem foi uma confluência de política de Estado e espetacularização midiática de certos casos envolvendo espionagem no governo. Foi estabelecida logo no início da Guerra Fria as bases do que seria a Doutrina da Contenção: série de políticas adotadas pelos EUA

⁹ Nesse momento inicial da Guerra Fria, como afirma o historiador Fred Halliday (1984) houve um acirramento do controle estatal. Esse controle doméstico foi expresso através da repressão daqueles suspeitos de carregarem simpatias pelo lado adversário e pelo estreitamento do discurso político (MUNHOZ, 2004; HALLIDAY, 1984).

¹⁰ Um indicador da relação entre manutenção do *status quo* e o furor dos quadrinhos está nos títulos que mais sofreram críticas. Eles foram aqueles que de uma forma ou de outra questionavam o *status quo* ou forneciam *leituras possíveis* de um ataque a instituições.

para coibir o avanço do comunismo. Essas bases foram inicialmente ditadas pelo russófilo e diplomata Georg F. Kennan em um documento de 1946 chamado *Long Telegram*, no qual ele afirma que o maior perigo que a URSS representava não era bélico, mas sim sua capacidade de atração ideológica nas sociedades capitalistas. Kennan argumenta no documento que o maior perigo para os EUA naquele momento eram os “problemas internos” da própria sociedade porque o comunismo apenas se “alimenta de tecido doente” (KENNAN, 1946). Porém, a sociedade estadunidense do pós-guerra era tudo menos coesa, vivendo entre muitas outras contradições, um verdadeiro apartheid racial. Uma sociedade não coesa e cindida por conflitos raciais, de classe e de gênero poderia, no pensamento político da Doutrina da Contenção, estar inclinada a gravitar para a ideologia comunista.

Tendo em vista as diretrizes de Kennan era imprescindível criar uma coesão interna e consenso com o qual combater a Guerra Fria. Tendo como base as ideias do diplomata, a política doméstica dos EUA se desenvolveu para uma corrupção do esquema inicial proposto por Kennan e rumou em direção a atitudes autoritárias internamente e bélicas externamente. Se fosse em prol da saúde e da coesão da nação passou a ser justificada a supressão de certos direitos, como o da liberdade de expressão e de livre associação. O que não era algo novo na história dos EUA¹¹, mas que se intensificou nos primeiros anos da Guerra Fria.

¹¹ Apesar do discurso em defesa da liberdade, os EUA têm um histórico de repressão da defesa de ideias que não se aliam com seus interesses através de legislação. Como por exemplo o “*Alien and Sedition Acts*” (1798), que entre outras medidas limitava o discurso crítico ao governo, o “*Hatch Act*” (1939), que impedia comunistas e outros grupos que o governo considerasse autoritário de ingressarem no serviço público, o “*Voorhis Act*” (1940) que estipulava que grupos com filiações estrangeiras se registrarem junto ao governo e tinha o objetivo de forçar o partido comunista dos EUA a cortar suas relações com a URSS e o *Smith Act* (1940) que tornou um crime federal “ensinar ou defender” a derrubada do governo ou ingressar em qualquer organização que o fizesse. (SCHRECKER, 2002).

O receio era que uma sociedade “doente” e não coesa, dividida, pudesse estar suscetível a infiltrações externas, com o objetivo de destruir a nação de dentro para fora. O medo de infiltração comunista interna, embora distorcida de muitas formas, tinha a plausibilidade necessária para ser convincente. Foi criada em torno da figura do membro do partido comunista a ideia de que eles eram parte de uma grande conspiração à serviço de Moscou. Segundo a historiadora Ellen Schrecker (2002) a imagem continha alguma verdade, embora o perigo fosse bastante exagerado, não era de todo fictício. De fato, houve casos de espionagem feitos por membros do Partido Comunista¹², mas a maioria da espionagem ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial e parou abruptamente após 1945.

Casos altamente publicizados do pós-guerra alimentaram a percepção pública de que a nação estava sob perigo e sujeita a infiltração de inimigos mesmo em lugares supostamente seguros como o governo. No final dos anos 1940 ocorreu o caso de Alger Hiss, um funcionário do governo acusado de espionagem; onze líderes do Partido Comunista estadunidense foram condenados em outubro de 1949 sob a acusação de “advogarem a derrubada violenta do governo dos Estados Unidos”. Além disso, ocorreu também o trágico julgamento de Julius e Ethel Rosenberg no início de 1951, condenados à pena capital por terem supostamente transmitido segredos atômicos para a URSS. Casos como esses, e sua espetacularização fomentaram no público o medo de que quinta-colunistas¹³, espiões ou comunistas pudessem estar

¹² Schrecker (2002) fala sobre cerca de duzentas pessoas envolvidas com o partido comunista que transmitiram informações para a URSS. Incluindo informações suficientes para que os soviéticos adquirissem armas nucleares antes do que teria sido feito de outro modo.

¹³ Termo surgido durante a Guerra Civil Espanhola. Significa a pessoa ou organização que ajuda o inimigo de seu país; ou o grupo ou pessoa que se infiltra no interior de um partido ou organização com o objetivo de sabotagem.

infiltrados em qualquer lugar. E por que não nos quadrinhos que careciam de qualquer regulamentação?

A Guerra Fria, portanto, não criou as campanhas contra os quadrinhos, mas foi um fator importante para que as campanhas ocorressem. Ela impulsionou as polêmicas e montou o tabuleiro sobre o qual os atores puderam se movimentar sem soarem absurdos em seus argumentos de subversão da juventude. Se os comunistas estavam infiltrados mesmo no governo, e haviam conseguido proezas como contrabandear segredos atômicos para os soviéticos, o que impedia que os mesmos ou outros grupos “subversivos” se infiltrassem na cultura. E se grupos subversivos tentassem implodir os EUA debaixo para cima, a partir da poluição das mentes sugestivas das crianças com ideias antiamericanas ou comunistas¹⁴? Partindo desse princípio tornava-se possível e justificável a perseguição aos quadrinhos com base em ideais abstratos de segurança nacional e liberdade.

O clima político era favorável à caça de “inimigos internos”, como a perseguição a comunistas que começou a se intensificar cada vez mais no pós-guerra, até chegar ao seu auge no Macarthismo dos anos 1950. E o furor dos quadrinhos, portanto, não é estranho às campanhas anticomunistas e guardam semelhanças entre si. Ambos os movimentos em última instância fizeram parte do mesmo esforço de “limpeza doméstica” de dissidências ou supostos perigos à coesão social.

O anticomunismo está, portanto, ligado às campanhas antiquadrinhos (HAJDU, 2008) por terem vindo da mesma forja de esforço contra subversivo e

¹⁴ Esse tipo de crítica era bastante comum principalmente entre grupos religiosos como a *National Organization for Decent Literature* (NODL). Isso aconteceu porque eram grupos que se opunham aos quadrinhos com bases morais, e tinham como bandeira a defesa de valores e instituições como o casamento, família nuclear patriarcal e respeito à autoridade. Sobre ver: O’CONNOR, Thomas F. *The National Organization for Decent Literature: A Phase in American Catholic Censorship*. *The Library Quarterly: Information, Community, Policy*, Vol. 65, No 4. University of Chicago Press, 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4309066>. Acesso em 24 de out. de 2022

perseguição às alegadas ameaças internas. Os quadrinhos foram muitas vezes acusados de estarem veiculando ideias comunistas, apesar dos esforços da indústria em se alinharem ao *status quo*. Da mesma forma como nos anos iniciais da Guerra Fria o anticomunismo se tornou mais exacerbado e muitos indivíduos fizeram seus nomes por meio da bandeira anticomunista, ou até mesmo estabeleceram carreiras como anticomunistas profissionais (SCHRECKER, 2002), as campanhas antiquadrinhos do mesmo período também serviram de trampolim para figuras se alçarem ao debate público¹⁵ ou alavancarem suas carreiras. Isso aconteceu de forma bastante semelhante ao trato do anticomunismo com a midiaticização e a espetacularização das campanhas antiquadrinhos, descambando para o sensacionalismo inflado pela imprensa, que certas pessoas buscaram instrumentalizar para seus objetivos pessoais.

A família em crise: A eclosão dos problemas surgidos durante a Guerra.

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou uma série de empecilhos para o *American Way of life* gestados durante o conflito começaram a emergir. Com a volta das atenções para o ambiente doméstico, um dos principais problemas identificados foi a disrupção da ideia de família tradicional nuclear estadunidense, em que a mulher era incentivada à domesticidade e o homem ao mercado de trabalho. Isso foi um dos efeitos colaterais ocasionados pelo envio de um grande contingente masculino para os fronts a partir de 1941, deixando vagos vários postos de trabalho que precisaram ser preenchidos pelas mulheres que ficaram. Como Nara Widholzer (2005) afirma :

¹⁵ No caso dos quadrinhos podemos citar mais notadamente o psiquiatra Fredric Wertham e o senador Estes Kefauver.

Se, na década anterior, devido ao longo período de desemprego¹⁶, o imaginário que havia sido alimentado discursivamente para as mulheres era o da domesticidade, no novo contexto histórico, social e econômico, elas foram estimuladas a trabalhar nas fábricas para suprirem a falta de mão-de-obra (WIDHOLZER, 2005 p.24).

O próprio governo havia durante a guerra por necessidade econômica incentivado a entrada da mulher no mercado de trabalho. O que ocasionou uma nova independência e empoderamento feminino, com o qual os homens se depararam quando voltaram da guerra esperando assumir seus antigos postos na organização social da família pré-guerra. Porém, encontrando uma nova realidade começou-se a falar de uma crise da “masculinidade americana” conforme os homens, antes os provedores incontestes, viram suas posições sociais e identidades construídas em torno de certos ideais de masculinidade colocados em risco. Some-se isso um aumento da taxa de divórcios entre 1945 e 1950 (MAY, 2008) e a publicação em 1948 do estudo sobre sexualidade conhecido como “*Kinsey Reports*”,¹⁷ que afirmava que mais de um terço dos homens já haviam tido algum tipo de relação homossexual, e que 50% já haviam traído as esposas (SAVAGE JR, 1990).

Esses dados contribuíram para a percepção de que a família estava efetivamente em um estado de fragilidade periclitante. E havia o agravante de que agora, com a Guerra Fria, a família nuclear hererossexual ter passado a ser considerada parte do projeto de segurança nacional (MAY, 2008). A família parecia estar em perigo, e como Elaine Tyler May argumenta:

(...) muitos líderes, especialistas e observadores temiam que *os verdadeiros perigos para a América fossem os internos: conflitos raciais, mulheres emancipadas, conflito de classes e*

¹⁶ Em decorrência da crise de 1929.

¹⁷ Os estudos conhecidos como *Kinsey Reports* são dois: “*Sexual Behavior in the Human Male*” (1948) e “*Sexual Behavior in the Human Female*” (1953).

desorganização familiar. Para aliviar esses temores, os americanos se voltaram para a família como um bastião de segurança em um mundo inseguro, enquanto especialistas, líderes e políticos promoviam códigos de conduta e promulgavam políticas públicas que fortaleceriam o lar americano. Como seus líderes, a maioria dos americanos concordaram que a estabilidade familiar parecia ser o melhor baluarte contra os perigos da Guerra Fria¹⁸ (MAY, 2008, p.9, tradução minha, destaque meu)

Por conseguinte, esses elementos: a emancipação da mulher por meio do mercado de trabalho, disrupção da família nuclear e altas taxas de divórcios, pareciam indicar que a família dentro do que poderia ser chamado “valores tradicionais” estava em perigo. E o momento era visto como delicado para os Estados Unidos, em 1947 foi aprovada a Doutrina Truman que estabelecia o comprometimento ilimitado dos EUA no auxílio a povos que estivessem “resistindo a tentativas de subjugação por minorias armadas ou por pressões externas” (SCHRECKER, 2002), que fazia parte dos rumos que a Doutrina de Contenção estava tomando no início da Guerra Fria¹⁹ (MUNHOZ, 2020). Em 1948, ocorreu o cerco a Berlim pela URSS, e a Otan foi criada em agosto de 1949 com o objetivo de restringir o alegado expansionismo soviético. No mesmo ano aconteceu a Revolução Chinesa e no início da década de 1950 estourou a Guerra da Coreia²⁰.

¹⁸ No original: many leaders, pundits, and observers worried that the real dangers to America were internal ones: racial strife, emancipated women, class conflict, and familial disruption. To alleviate these fears, Americans turned to the family as a bastion of safety in an insecure world, while experts, leaders, and politicians promoted codes of conduct and enacted public policies that would bolster the American home. Like their leaders, most Americans agreed that family stability appeared to be the best bulwark against the dangers of the cold war.

¹⁹ Segundo Sidnei Munhoz (2020), a Doutrina Truman após sua implementação “foi ampliada para a defesa de qualquer área real ou supostamente ameaçada pelo comunismo e tornou-se um dos eixos da política externa dos EUA nos anos que se seguiram” (MUNHOZ, 2020, p.174-5).

²⁰ Além disso, como afirma Halliday (1984), nessa quadra histórica houve uma expansão militar com ênfase nas armas nucleares. Em 29 de agosto de 1949 ocorreu o primeiro teste

Neste contexto, May (2008) argumenta como as pessoas se voltaram para o ambiente doméstico em busca de segurança. Portanto, no mundo inseguro e complicado da Guerra Fria a casa e a família se converteram não apenas em símbolos de segurança e realização pessoais, mas em parte do projeto de segurança nacional (MAY, 2008). A crise da instituição familiar recaiu em dois elementos que nada tinham de relação causal com ela: o surgimento de uma cultura jovem, longe da tutela da autoridade institucional ou familiar, representada aqui pelo consumo de quadrinhos²¹ e uma percepção - altamente discutível - de aumento da delinquência juvenil.

Os quadrinhos serviram de bode expiatório, como outras mídias fizeram em outros momentos históricos, para medos e problemas sociais muito mais complexos e que fugiam ao escopo de qualquer mídia. Quadrinhos eram acusados de estarem causando delinquência juvenil que por sua vez estava solapando a família. A associação do aumento de criminalidade, principalmente entre jovens com a mídia, não é algo novo. Ela existe pelo menos desde o século XIX, e nos EUA já havia ocorrido antes no caso do cinema que resultou no *Hays Code*, mais tarde inspiração para o código dos quadrinhos. Essa associação surge com toda força depois da Segunda Guerra Mundial quando se começa a explicitamente associar revistas em quadrinhos a um suposto aumento da delinquência juvenil. Essa associação teve um sucesso tão grande que em 1948, em um dos momentos mais dramáticos das campanhas anti-quadrinhos

nuclear soviético e em setembro de 1948 a URSS explodiu a sua primeira bomba atômica. Em resposta em 1950 os EUA começaram a fabricação da bomba H, e em 1953 os soviéticos começaram a testar a sua própria. A proliferação das armas nucleares criou um mal-estar perene na população, que temia um confronto nuclear com a URSS que tinha o potencial de devastar a humanidade.

²¹ Os quadrinhos eram comprados diretamente pelas crianças e jovens não passando por intermédio dos adultos. Dessa forma criou-se uma cultura de pares entre os próprios jovens que liam quadrinhos que escolhiam, os trocavam entre si e os discutiam. Essa era uma forma de sociabilidade entre os jovens que era estranha para os adultos e que constituía um alçada da vida social jovem longe da autoridade adulta.

ocorreram uma série de queimas públicas de revistas em quadrinhos pelos EUA.

O que explica essa ojeriza crescente gerada pelas revistas foi a culpa equivocadamente colocada nos quadrinhos por alguns educadores, professores, bibliotecários, e supostos “especialistas” como Wertham, de “problemas” sociais que haviam sido gestados durante a Segunda Guerra Mundial como a reorganização da família com o relativo apagamento da figura masculina, e o suposto aumento dos números estatísticos de delinquência juvenil.

O debate sobre a delinquência juvenil é central para compreender o surgimento das campanhas anti-quadrinhos porque tais campanhas foram levadas a cabo em grande parte com a bandeira do combate à criminalidade juvenil que estaria supostamente sendo causada pela leitura de revistas em quadrinhos. O medo da delinquência juvenil que varreu os Estados Unidos nos anos 1950 tem muito em comum com o do comunismo [*Red Scare*]. Se a reação ao comunismo foi exacerbada no pós-guerra o mesmo pode ser dito da delinquência juvenil, termo guarda-chuva sem uma definição precisa que abarcava quaisquer comportamentos que o adulto quisesse colocar nele, e a ausência de uma definição precisa está ligada à percepção do seu “aumento” no pós-guerra. A delinquência surge como um problema no debate público dos EUA em 1946 e com altos e baixos em importância permanece até o início dos anos 1960. Como o historiador James A. Gilbert afirma, é peculiar que a delinquência tenha tomado uma proporção tão grande:

As razões para esta manifestação de preocupação são, após exame, extremamente complexas por uma razão importante. O que todos os participantes da ampla discussão pública supunham ser verdade – que a delinquência havia aumentado em quantidade e gravidade desde a Segunda Guerra Mundial – agora parece questionável ou *pelo menos difícil de provar*. Apesar das manchetes inflamadas e da repetição de acusações sobre brutalidade, *a incidência de crimes juvenis não parece ter aumentado*

*enormemente durante esse período*²² (GILBERT, 1986, p. 66, tradução minha, destaque meu).

É mais provável que a questão da delinquência tenha sido criada no pós-guerra pela forma como a imprensa tratou o tema e em como as estatísticas sobre criminalidade juvenil foram coletadas. O constante debate sobre delinquência juvenil trazido em jornais, revistas, programas de rádio e TV e mesmo no cinema davam a impressão para o público de que ela estava em toda parte.

Para além disso, as estatísticas sobre delinquência juvenil do pós-guerra são bastante problemáticas. Em primeiro lugar, (I) a adição durante e depois da guerra de novas atividades que eram passíveis de serem rotuladas como delinquência juvenil tornou a comparação com períodos anteriores problemática porque haviam mudado os parâmetros com os quais as estatísticas eram coletadas. Foram adicionados novos crimes para o escopo do que era considerado estatisticamente delinquência juvenil como por exemplo, infrações de trânsito. Em segundo lugar (II) houve uma mudança de comportamento das agências de aplicação da lei que buscaram exercer maior controle sobre os jovens, o que resultou em mais detenções que se manifestaram nas estatísticas (GILBERT, 1986).

Em outras palavras, a delinquência da qual se falava no pós-guerra era em grande parte uma questão de definição: quais comportamentos praticados por um jovem são passíveis de serem caracterizados como delinquentes. Em parte, são também uma questão do quão intensamente esses comportamentos e indivíduos são policiados. Portanto, como Gilbert (1986) argumenta, as

²² No original: The reasons for this outpouring of concern are, upon examination, made extremely complex for one important reason. What every participant in the broad public discussion assumed to be true—that delinquency had increased in quantity and severity since World War II—now seems questionable or at least difficult to prove. Despite inflammatory headlines and the repetition of charges about brutality, the incidence of juvenile crime does not appear to have increased enormously during this period.

estatísticas de delinquência juvenil estão sujeitas ao contexto social em que foram criadas. Enquanto a expressão “delinquência” possa levar a pensar em uma série de delitos como assassinato, assalto, agressão ou destruição de propriedade, nessas estatísticas do pós-guerra que apontavam um crescimento da delinquência, entravam também muito dos chamados “crimes de *status*”, atos que podem ou não ser criminosos. É o caso de atos que são considerados delitos pela idade da pessoa que os comete, como beber álcool ou quebrar um toque de recolher.

Há também a questão de como a volta das atenções para questões domésticas com a Guerra Fria levou a uma pressão maior de pais, instituições religiosas e outras organizações por um maior controle dos jovens, que levou a maior policiamento dessa demografia, que aliada às novas definições do que era um delito “criou” mais crimes ao colocar sob maior escrutínio a população jovem devido às preocupações quanto aos rumos dos Estados Unidos. Em suma, o “grande medo” da onda de criminalidade jovem no pós-guerra, o qual a maioria dos *experts*, tais como Wertham afirmavam estar acontecendo, em retrospectiva, reside em 3 fatores: 1) Um aumento da vigilância prestada à denominada criminalidade juvenil; 2) uma mudança do comportamento das agências de aplicação da lei, estimuladas pelo governo, grupos privados de pressão, como associações de pais e professores, para afirmar autoridade sobre o comportamento da população jovem; 3) mudanças no comportamento da juventude suscetível a ser interpretado como criminoso (GILBERT, 1986).

Neste contexto as revistas em quadrinhos lidas por cerca de 90% dos jovens, foram isoladas como uma influência externa que estava solapando a família de dentro para fora. Isso era corroborado por críticos, associações civis e religiosas e por especialistas como Wertham. O sucesso do uso dos quadrinhos como bode expiatório reside em fornecer uma explicação simples e que podia ser facilmente compreendida pelo cidadão médio além de apelar para o senso

comum de que o entretenimento popular era ruim. As mães trabalhando fora estavam longe da criação dos filhos, o que deixava espaço para as revistas nocivas preencherem o espaço deixado vago pela influência parental. As revistas com seu conteúdo violento estavam influenciando as crianças a se tornarem delinquentes. Essa explicação pareceu ainda mais verossímil devido às mudanças da indústria de quadrinhos ocorrida na década do pós-guerra, que se tornaram mais violentas e adquiriram tons eróticos²³.

Os Quadrinhos no pós-guerra

A associação de revistas em quadrinhos com delinquência juvenil que levou às campanhas antiquadrinhos não teria tido tanto sucesso se não encontrassem algum respaldo na realidade. Se era debatível que os quadrinhos eram os culpados dos problemas da família estadunidense e do suposto aumento da delinquência juvenil, restava pouca dúvida de que as revistas haviam escalonado em violência depois da Segunda Guerra Mundial. Também era verdade que a indústria não contava com qualquer tipo de regulamentação que não o bom senso dos próprios editores, diferente do que acontecia no cinema por exemplo, que como mencionado, era regulamentado desde a década de 1930. Era verdade também que grande parcela do mercado consumidor era composto por crianças, adolescentes e jovens. Se o conteúdo que eles estivessem lendo se constituísse apenas de super-heróis ou de *funny animals*²⁴ seria difícil construir um caso convincente contra os quadrinhos.

²³ Devido principalmente ao fato de a leitura adulta ter sido impulsionada durante a Segunda Guerra Mundial por soldados. Dessa forma é notável o caráter erótico, permeado pelo *Male Gaze*, de muitas publicações que exibiam desenhos de mulheres com pouca roupa, seios grandes e quadris largos e em poses provocantes.

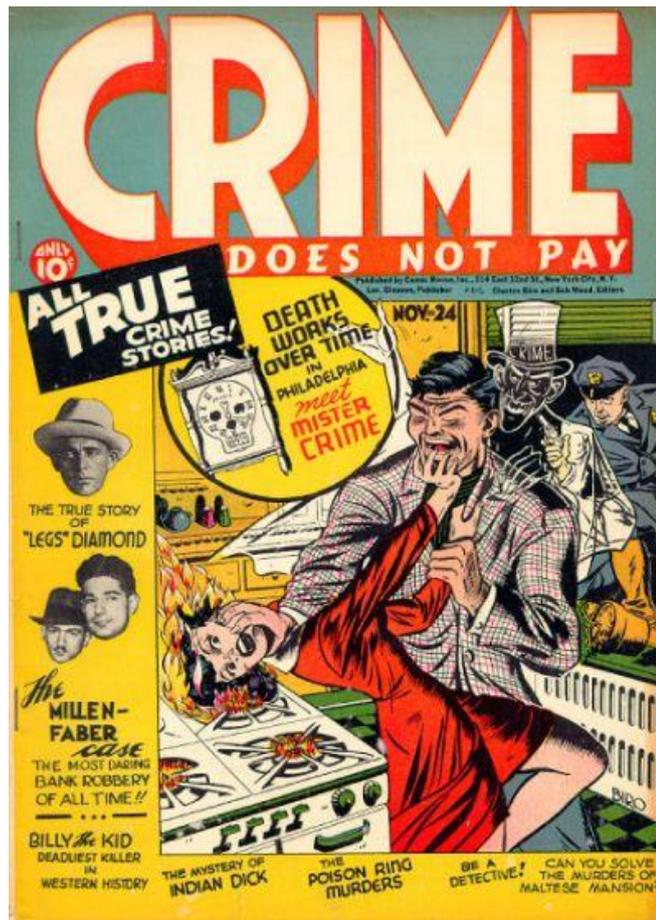
²⁴ Gênero extremamente popular na época, direcionado principalmente para crianças. Eram histórias sobre animais falantes antropomorfizados, como os personagens da Disney como Pato Donald e Mickey então publicados pela editora Dell. Eles foram, segundo Gabilliet (2010), o gênero mais popular na época.

Porém, entre 1945 e 1955 com o mercado editorial de quadrinhos estava prosperando e havia muito mais nas revistas que animais falantes ou heróis fantasiados. Os números evidenciam um crescente interesse por quadrinhos nesse período, entre 500 e 650 títulos estavam disponíveis todos os meses somando um número de aproximadamente 60 milhões de cópias mensais (SAVAGE JR, 1990) e a indústria tendo conquistado também muitos leitores adultos no tempo da guerra havia se expandido em temáticas. Visando atender públicos variados, diversos gêneros foram criados para atender demandas específicas, havia quadrinhos de crime, de romance, ficção-científica, guerra, faroeste e a partir principalmente de 1950 horror.

No final da década de 1940 devido principalmente a revistas do gênero de crime como *Crime Does not Pay* (1942-1955) e *True Crime Comics* (1947-1949), os quadrinhos haviam adquirido a fama de propagar apologia ao crime, desrespeito pelas forças policiais e conterem extrema violência²⁵. De fato, essas revistas eram bastante violentas, o que os filmes não podiam exibir os quadrinhos se encontravam desimpedidos para fazer e sem limitações técnicas quanto a efeitos especiais. Pessoas eram espancadas, baleadas, esfaqueadas, queimadas vivas e o que mais a imaginação dos autores pudesse inventar. Quando o gênero se popularizou em 1948, as revistas passaram a competir umas com as outras em quais tinham as histórias mais impactantes, e as capas buscavam expressar o conteúdo dessas publicações com cenas espalhafatosas de crimes brutais [Figura 2]. Apesar do alegado objetivo das revistas de suposta “conscientização” de que o envolvimento em práticas criminosas sempre acabava sendo punido, a punição era apresentada de forma secundária e o verdadeiro foco estava nos criminosos e nos atos hediondos cometidos por eles.

²⁵ As revistas do gênero crime tinham 9% do mercado em 1947, variaram entre 10 e 13% de 1948 e 1951, e permaneceram em torno de 6% até 1955 (GABILLIET, 2010).

Figura 2. Capa violenta de uma revista de crime.



Fonte: CRIME DOES NOT PAY ARCHIVES: Volume 1. Milwaukee: Dark Horse Comics, Inc, Vol.1, No. 22-25, 2012.

A Partir de 1950, devido ao sucesso da linha de horror e crime da *EC Comics*²⁶, o gênero horror começou a saturar o mercado e ao final de 1952 já haviam cerca de 150 títulos do gênero (HAJDU, 2008). As editoras em sua disputa pela atenção dos mesmos leitores buscaram atraí-los como havia acontecido com o gênero de crime, por meio da violência. Mês a mês a violência foi escalonando, e a *EC* era uma das mais violentas e sangrentas de todas, a violência fazia parte de sua identidade visual: As capas da *EC* exibiam, entre diversos crimes, coisas como um homem atirando na própria cabeça, um enforcamento, um homem segurando um machado e a cabeça decepada de uma

²⁶ Famosa editora dos anos 1950 conhecida por sua linha de crime e horror. Foi um dos principais alvos das campanhas antiquadrinhos.

moça, esse era o tom. De forma que ela ficou merecidamente conhecida como uma das mais violentas dos anos 1950, e essa fama se espalhou para as demais revistas em quadrinhos. William Schoell (2014) fez um levantamento dos quadrinhos de horror dos anos 1940 aos anos 1980 para seu livro *"The Horror Comics: Fiends, Freaks and Fantastic Creatures, 1940s-1980s"* e segundo o autor:

Lendo algumas histórias da *EC* hoje, o leitor moderno pode se surpreender, se não chocado com o que esses quadrinhos (pelo menos por um tempo) se livraram na década de 1950, já que o material em sua natureza gráfica geralmente era muito mais violento do que os adolescentes e as crianças mais novas estavam vendo no drive-in, e mais sangrentas do que todos exceto os quadrinhos de horror mais recentes²⁷ (SCHOELL, 2014, p.33, tradução minha)

Ao mesmo tempo que é verdade que os quadrinhos de fato estavam violentos - sob essa premissa foi construído o caso contra eles nas audiências do senado em 1954 - esses quadrinhos violentos eram uma minoria. É importante notar como eles foram superdimensionados, eles não eram maioria e constituíam um pequeno nicho de mercado. Uma revista da *EC Comics* que vendesse bem tinha uma tiragem de 400 mil cópias, um número bastante baixo para os padrões do mercado que tinha revistas que vendiam até 3 milhões de cópias²⁸ (GABILLIET, 2010).

Porém essa diversificação da indústria e sua orientação para temáticas mais adultas, foi um dos fatores que permitiram o sucesso da associação de quadrinhos com delinquência juvenil. Existência de revistas violentas como *Crime Does Not Pay* ou as de horror da *EC Comics* permitiram que os opositores

²⁷ No original: Reading some *EC* stories today a modern reader may well be surprised if not startled by what these comics got away with (for a time, at least) in the 1950s, as the material in its graphic nature generally was much grosser than what teens and younger children were seeing at the drive-in, and gorier than all but the most recent horror comics.

²⁸ Caso de algumas revistas com personagens da Disney publicados pela Dell.

dos quadrinhos pudessem pescar “evidências materiais” de suas afirmações e construir em cima delas, distorcendo seu alcance e tamanho. Quando se colocava como evidencia um quadrinho que apresentava um assassinato na capa por exemplo, dificilmente era indagado qual a circulação daquela revista, sua mera existencia por si só já depunha contra os quadrinhos, que no pós-guerra eram rigidamente definidos pelos críticos como uma mídia essencialmente infantil (SABIN, 2010).

Fredric Wertham: o rosto de um processo social e político.

Como é notável, Wertham foi mencionado apenas de forma marginal neste trabalho. Com isso quis demonstrar como ele é em muitas das análises sobre as campanhas antiquadrinhos superestimado e superdimensionado. Essas campanhas e o *comics code*, não são nem de perto obra de Wertham, basta para isso constatar que o próprio ficou descontente com o resultado das audiências do Senado. Wertham desejava não que o conteúdo das revistas fosse coibido, mas que se estipulasse uma faixa etária para comprá-las, ele sugeria dezesseis anos (UNITED STATES SENATE, 1954).

O psiquiatra e sua teoria foram assimilados e depois instrumentalizados por um projeto político em curso de cunho conservador proveniente de diversos setores sociais preocupados com os rumos dos EUA: religiosos, associações de pais e professores, alguns acadêmicos, políticos, críticos literários e mesmo, membros da própria indústria dos quadrinhos. Pode soar contraintuitivo que membros da própria indústria tenham trabalhado para a criação de um selo autorregulatório que iria restringir o discurso das revistas, porém, havia uma voraz competição de editoras pelos leitores. Editoras como a Dell, uma gigante nos anos 1950 com um valioso contrato para publicar quadrinhos dos personagens da Disney, achou vantajosa para si a

implementação do código uma vez que ele não a afetava em nada e tirava competidores do mercado.

É, portanto, muito mais complexa a reação que os quadrinhos geraram na sociedade estadunidense dos primeiros anos da Guerra Fria do que o resultado das ideias de um único psiquiatra. Na verdade, mesmo as ideias de Wertham quanto a relação entre revistas em quadrinhos - ou “cultura de massa” - e efeitos no comportamento da audiência não eram inéditos, ela já existia de forma desorganizada desde o século XIX²⁹. O argumento de que o entretenimento popular é causa de disrupções sociais é documentado, por exemplo, pela reação causada pelas *Dime Novels*³⁰ no século XIX por meio do livro de Anthony Comstock “*Traps for the Young*” (1883)³¹, cujo conteúdo dos argumentos é bastante semelhante aos presentes em “*Seduction of the Innocent*” (1954) de Wertham³². Da mesma forma, quando o cinema começa a se popularizar na década de 1930, atingindo um grande público, o medo de que o que era exibido na tela pudesse afetar negativamente a audiência surge novamente, e como nos quadrinhos, emergiu a discussão da delinquência juvenil. Críticos afirmavam que tudo o que os espectadores assistiam nas telas:

(...) se transformava direta e imediatamente em ação. Se as crianças assistissem a filmes policiais, se tornariam criminosos; Se eles assistissem a filmes que tratassem de assuntos “imorais”, eles abraçariam esses valores e rejeitariam os esforços feitos em

²⁹ Isto é, não organizada de forma coerente dentro de uma teoria psicológica explicativa. Essa foi a grande contribuição de Wertham em última instância: organizar noções do senso comum quanto aos quadrinhos em uma teoria alegadamente “científica”, emprestando assim, um ar de legitimidade ao processo.

³⁰ Livros de ficção popular de baixo custo, impressos em material de baixa qualidade com cerca de cem páginas populares no final do século XIX e início do século XX.

³¹ Disponível em < <https://archive.org/details/trapsforyoung00comsiala/page/n5/mode/2up> >. Acesso em 01 /03/ 2023.

³² Note a semelhança mesmo no sentido do título das duas obras, a primeira podendo ser traduzida para algo como “Armadilhas para o Jovem” e o segundo para “Sedução do jovem”.

sua casa, escola e igreja para incutir os valores tradicionais da classe média³³ (BLACK, 1999, p.19, tradução minha).

Críticas semelhantes foram empregadas nas campanhas antiquadrinhos dos anos 1940 e 1950, no caso do Rock nos anos 1970, da internet no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, e por essa mesma época essa associação também é encontrada quanto aos videogames. O que dá coerência a esse fenômeno recorrente quanto às mídias populares, do século XIX ao XX, é uma teoria conhecida como “efeitos nocivos da mídia³⁴” (BAKER; PETLEY, 2001) e atitudes negativas quanto ao entretenimento popular enraizadas no senso comum. Wertham apenas aplicou aos quadrinhos ideias referentes à cultura pop correntes nos anos 1940 e 1950, mas essas ideias o antecedem e não foram criadas por ele.

Em conclusão, as campanhas antiquadrinhos foram possíveis devido a uma série de fatores de conjuntura histórica específica a esse processo³⁵ aliadas a atitudes perenes de oposição ao entretenimento popular ou a “cultura de massa”. Foi um processo que teve início no começo dos anos 1940, arrefeceu devido a Segunda Guerra Mundial, e emergiu com todo vigor a partir de 1946 principalmente devido a Guerra Fria e ao clima político doméstico dos Estados Unidos. A associação de revistas em quadrinhos com delinquência juvenil não

³³ No original: Para ella, todo lo que veían en la pantalla se transformaba directa e inmediatamente en acción. Si los niños veían películas de crímenes, se volverían criminales; si veían películas que trataran de temas «inmorales», adoptarían esos valores y rechazarían los esfuerzos realizados en su casa, escuela e iglesia para inculcarles los valores tradicionales de la clase media.

³⁴ Essa teoria pontua entre, vários argumentos, que a violência é uma categoria passível de ser mensurada objetivamente, que o consumidor da mídia é um agente passivo, que o conteúdo midiático é absorvido e afeta a todas as pessoas da mesma forma. Sobre estudos aprofundados sobre a questão conferir: BAKER, Martin; PETLEY, Julian (Eds). *Ill Effects. The media/violence debate*. 2 ed. London and New York: Routledge, 2001.

³⁵ Cada processo de oposição à mídia é diferente e tem particularidades. As campanhas antiquadrinhos ocorridas no mesmo período no Reino Unido, tinham um caráter diverso, entre os argumentos estava a oposição à “americanização” da cultura, e ela foi apoiada por setores da esquerda.

foi criação do psiquiatra Fredric Wertham e já existia como parte das atitudes em relação à cultura pop encontradas no senso comum. Wertham foi responsável apenas por organizar de forma alegadamente científica essa associação e dar um rosto para o processo. Ele foi cooptado pelo movimento por dar uma aura de coisa científica para uma campanha que, em realidade, contava com as mais variadas motivações, desde coibir discurso político não alinhado com os parâmetros da Guerra Fria, a oposição com viés moral por grupos religiosos, e ainda por argumentos estéticos por parte de críticos literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTION Comics. No. 55. Detective Comics: New York, 1942

BAKER, Martin; PETLEY, Julian (Eds). **Ill Effects. The media/violence debate**. 2 ed. London and New York: Routledge, 2001.

BLACK, Gregory D. **Hollywood Censurado**. Madrid: Cambridge University Press, 1999.

COMIC MAGAZINE ASSOCIATION OF AMERICA, INC. **The Comics Code of 1954**. disponível em: < <http://cblf.org/the-comics-code-of-1954/> >. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

COMSTOCK, Anthony. **Traps for the Young**. Funk & Wagnalls Company: New York and London, 1883. Disponível em: <https://archive.org/details/trapsforyoung00comsiala/page/n5/mode/2up>

CRIME DOES NOT PAY ARCHIVES: Volume 1. Milwaukee: Dark Horse Comics, Inc, Vol.1, No. 22-25, 2012.

CRIST, Judith. **Horror in the Nursery**. Collier 's Magazine, 27 March 1948. Disponível em: <https://crisofinnocence.library.torontomu.ca/items/show/475> . Acesso em 17 de out de 2022

GILBERT, James. **A Cycle of Outrage: America's Reaction to the Juvenile Delinquent in the 1950s**. New York: Oxford University Press, 1986

HAJDU, David. **The Ten-Cent Plague: The Great Comic Book Scare and How it Changed America**. New York: Farrar, Straus and Giroux: 2008.

HALLIDAY, Fred. **The Making of the Second Cold War**. 2 ed. Thetford:Thetford Press Limited, 1986.

KENNAN, George. **Long Telegram**. 1946. Disponível em: <https://nsarchive2.gwu.edu/coldwar/documents/episode-1/kennan.htm>. Acesso em 21 de out. de 2022.

MAY, Elaine Tyler. **Homeward Bound: American Families in the Cold War Era**. New York: Basic Books, 2008

MUNHOZ, Sidnei. **Guerra Fria: Um debate interpretativo**. In: O Século Sombrio: guerras e revoluções do século XX. SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Coordenador). Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. pgs 261-281.

MUNHOZ, Sidnei J. **Guerra Fria: História e Historiografia**. Curitiba: Appris, 2020

NORTH, Sterling. **A National Disgrace**. In: A Crisis of Innocence. Disponível em: <http://crisisofinnocence.library.ryerson.ca/items/show/201>. Acesso em: 28 de julho de 2021

SABIN, Roger. **Adult Comics**. Routledge: London and New York, 2010.

SAVAGE JR, William W. **Comic Books And America, 1945-1954**. University of Oklahoma Press: Norman and London, 1990

SCHOELL, William. **The Horror Comics: Fiends, Freaks and Fantastic Creatures, 1940s–1980s**. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., Publishers, 2014.

SCHRECKER, Ellen. **The Age of McCarthyism: A Brief History with Documents**. Second Edition. Boston, New York: Bedford/ ST. Martin 's, 2002.

UNITED STATES SENATE. **Juvenile Delinquency (Comic Books): Hearings before the Subcommittee to Investigate Juvenile Delinquency of the**

Judiciary United States Senate. 83rd Congress, 2nd session. April 21,22 and
june 4, 1954. Disponível em: <
<https://crisisofinnocence.library.torontomu.ca/items/show/646> . Acesso em 24 de
out de 2022.

WERTHAM, Fredric. **Seduction of the Innocent: The influence of comic books
on today's youth.** New York, Toronto: Rinehart & Company, Inc, 1954

WIDHOLZER, Nara. **A Publicidade como Pedagogia Cultural e Tecnologia de
Gênero: Abordagem Linguístico-Discursiva.** In: FUNCK, Susana Bornéo
(Org.); WIDHOLZER, Nara (Org.). *Gênero em Discursos da Mídia.*
Florianópolis: Mulheres, 2005. v. 1. 334p .

Recebido em Maio de 2023.

Aprovado em Junho de 2023.